

Tartaro, T. – O narrador de *Uma Semana de Bondade*

O narrador de *Uma Semana de Bondade*, de Max Ernst

Thiago Tartaro¹

Titel: Der Erzähler in Max Ernsts Collageroman *Une Semaine de Bonté*.

Title: The Narrator in Max Ernst's novel *Une Semaine de Bonté*.

Palavras-chave: Max Ernst – Surrealismo – romance – arte moderna – narração

Schlüsselwörter: Max Ernst – Surrealismus – Roman – moderne Kunst – Erzählung

Key-words: Max Ernst – Surrealism - novel – modern art – narration

O romance *Uma Semana de Bondade* é produzido e lançado por Max Ernst (1891, Brühl – 1976, Paris) em 1934. A obra é composta de 182 colagens, divididas em sete capítulos. Originalmente, cada capítulo deveria ter sido lançado em um fascículo individual. Contudo, a editora parisiense Jeanne Bucher, responsável pela edição do romance, atravessava problemas financeiros à época, de modo que os sete capítulos foram divididos em cinco fascículos. Os três últimos capítulos foram reunidos em um único fascículo. O primeiro fascículo foi lançado em Paris (onde Ernst residia à época) em abril de 1934 e o último em dezembro do mesmo ano. A tiragem inicial foi de 828 de exemplares.

Os sete capítulos tem a mesma estrutura. O título de cada um deles é composto por um dia da semana. O primeiro capítulo do romance se chama “Domingo” e assim se segue até que o último seja o “Sábado”. Após o título, aparece o que o próprio romance

¹ Bacharel e licenciado em letras (alemão); pós-graduando em literatura alemã pela Universidade de São Paulo (USP); Email: thiago.tartaro@gmail.com. Apoio: CAPES.

Tartaro, T. – O narrador de *Uma Semana de Bondade*

chama de "Elemento". Cada capítulo tem um elemento diferente. As colagens de cada um dos sete capítulos apresentam figuras recorrentes. Aqui chamo de recorrentes imagens ou fragmentos de imagens que apareçam dentro de um mesmo capítulo de forma destacada em quase todas as colagens. Tais figuras são chamadas de “Exemplo Pictórico”. No capítulo um, por exemplo, o Exemplo Pictórico é o Leão de Belfort. A imagem do leão é recorrente e aparece em quase todas as colagens; a água é elemento e Exemplo Pictórico do capítulo dois, e estará presente em todas as colagens desse capítulo e assim por diante.

Após dia da semana, elemento e exemplo pictórico, há em cada capítulo uma série de epígrafes, na maioria das vezes versos de poemas dos movimentos de vanguarda do início do século XX. Vale ainda lembrar que a capa de cada um dos cinco fascículos tinha uma cor diferente, à exceção dos dois últimos, que repetem o amarelo.

A tabela abaixo ilustra esquematicamente a estrutura do início de cada capítulo.²

Capítulo	Dia da semana	Elemento	Exemplo Pictórico	Cor da capa
1	Domingo	Lama	O leão de Belfort	Violeta
2	Segunda-feira	Água	Água	Verde
3	Terça-feira	Fogo	O Dragão	Vermelho
4	Quarta-feira	Sangue	Édipo	Azul
5	Quinta-feira	O negro	O cantar do galo	Amarelo
6	Sexta-feira	A visão	A face interior	Amarelo
7	Sábado	Desconhecido	A chave das canções	Amarelo

Após a sequência de dia da semana, elemento, exemplo pictórico e epígrafes, cada capítulo conta com uma sequência de colagens, que têm basicamente dois materiais de saída diferentes: para os cenários, os corpos humanos, a maioria dos objetos e cenas como um todo, foram usados romances folhetinescos franceses do século XIX como, por exemplo, *Memoires de Monsieur Claude*. As figuras animais, antropológicas (como a estátua da Ilha de Páscoa presente no capítulo cinco), vegetais (como galhos de árvore que compõem colagens do capítulo seis) e de anatomia humana (como ossos humanos usados em algumas colagens do capítulo seis) foram retiradas de enciclopédias ilustradas (especialmente a *Historie Naturelle*) também do século XIX.

² Para não exceder os limites desta publicação, as epígrafes não estão contempladas na tabela.

Tartaro, T. – O narrador de *Uma Semana de Bondade*

O trabalho do artista consistia em adicionar as figuras dos almanaques a cenas dos romances folhetinescos, de modo a criar uma situação surreal. Eventualmente, os cenários eram também modificados com partes de outros cenários. Um bom exemplo disso são os quadros que aparecem nas salas das pessoas no capítulo três. Nesses quadros, vêem-se claramente outras cenas, adicionadas ali via colagem. Contudo, o maior trabalho de colagem se dá na construção do que chamarei neste trabalho de “personagens híbridos”: basicamente seres humanos (em geral, homens) que tem alguma parte de seu corpo substituída pela parte de um animal ou elemento antropológico. Na grande maioria das vezes, a parte substituída é a cabeça, mas as mãos podem também ser substituídas por patas; o humano ainda pode estar dotado de cauda ou asas.

Apresentado o romance e sua estrutura, passo agora ao comentário referente ao narrador, aceitando a proposição do próprio Max Ernst, que trata *Uma Semana de Bondade* como um romance, apesar de quase não usar palavras na referida obra. No caso de *Uma Semana de Bondade*, o narrador opera em dois níveis. Inicialmente o material do romance é produzido e em seguida ele é organizado.

O primeiro nível (o da produção de material) do que poderíamos chamar de "narrador" do romance se configura no interior de cada uma das 182 colagens. Para Max Ernst, a colagem é uma ressignificação (e eu cito de sua autobiografia, em tradução minha):

O que é colagem? Max Ernst definiu da forma seguinte: A técnica de colagem é a ressignificação sistemática do encontro coincidente ou artificialmente provocado de duas ou mais realidades distantes em um nível aparentemente não adaptado para isso – e a poesia resultante, a qual supera a aproximação dessas realidades. (ERNST apud. SPIES, 1979, p. 135).

Essa interpretação de Ernst considera a colagem um processo análogo à montagem, com a qual o teórico e cineasta russo Sergei Eisenstein se ocupava. Para Eisenstein, a montagem é um conflito entre objetos opostos, conflito do qual resulta um conceito. Ele exemplifica isso ao falar dos ideogramas japoneses:

Cada hieróglifo, separadamente, corresponde a um objeto, a um fato, mas sua combinação corresponde a um conceito. De hieróglifos separados foi fundido o ideograma. Pela combinação de duas descrições é obtida a representação de algo graficamente indescritível. (EISENSTEIN, 2002, p. 36).

Tartaro, T. – O narrador de *Uma Semana de Bondade*

Esquemáticamente, temos a aproximação de termos da forma descrita nessa tabela:

Max Ernst	Sergei Eisenstein
Colagem	Montagem
Encontro	Conflito
Realidades Distantes	Objetos
Poesia	Conceito

Nesse sentido, a função da montagem é a construção de um significado relativamente unificado (o que Max Ernst chama de “poesia”) a partir da junção de materiais diferentes (o que Ernst chama de “encontro coincidente ou artificialmente provocado de duas ou mais realidades distantes”).

Eisenstein se valia da montagem em seus filmes, opondo muitas vezes imagens em sequências de *takes*. No filme *O Encouraçado Potemkin*, por exemplo, a cena principal (a da escadaria de Odessa, na parte final do filme) conta com imagens de sugestões diversas postas em sequência, como, por exemplo, a oposição entre *takes* de pessoas descendo as escadas para fugir da polícia que anseia reprimir a população e *takes* de uma mulher que, contrariamente, sobe as escadas a fim de pedir ajuda aos policiais e é, por fim, alvejada por eles. A finalidade desta sequência seria a de mostrar a superioridade da ação coletiva sobre a ação individual (frisemos que a mulher que sobe a escadaria sozinha morre). Em Eisenstein, o objetivo era provocar o espectador e esse senso de provocação deveria abranger, inclusive, a estética das imagens.

Em *Uma Semana de Bondade* também há esse ímpeto de estranhamento por parte do narrador que constrói as imagens com materiais diferentes. O estranhamento se dá justamente pela constatação de um mundo construído a partir da junção de figuras conhecidas do campo científico (*Historie Naturelle*) e do campo literário (folhetins do séc. XIX) que, em cada colagem, de forma fantástica e surreal, compõem uma nova ordem das coisas. Em outras palavras: o observador é capaz de reconhecer os campos de onde vêm as realidades distantes (os romances e as figuras dos almanaques), mas o mundo que a junção delas forma é algo totalmente novo.

Tartaro, T. – O narrador de *Uma Semana de Bondade*

O conceito formado pela maioria das colagens é o mesmo: a violência. As imagens, em especial as dos capítulos um a cinco, mostram personagens brigando, se matando, cometendo crimes de diversas espécies; existem até mesmo fortes evidências de abuso sexual em algumas imagens, especialmente nos capítulos um, três, quatro e cinco; no último capítulo, as personagens femininas expressam dor e sofrimento, tanto nos rostos quanto na linguagem corporal, apesar de não sofrerem diretamente a violência daqueles personagens híbridos. A presença constante da violência nesse mundo conceitual fantástico que a imagética de cada colagem cria, reforça o estranhamento do observador, de uma forma que a expressão da violência cotidiana não faria. Um homem com cabeça de pássaro esfaqueando o pé de uma mulher no capítulo 4 chama a atenção mais pelo fato de ser executado por um homem com cabeça de pássaro, do que pela sua violência, caso esta fosse exercida por um homem comum sobre uma mulher comum. Se vistas individualmente, todas as imagens que mostram violência operam desta forma, causando estranhamento pela violência que retratam e mais ainda pelo fato de serem tão fantásticas.

Em um segundo nível, o narrador se mostra presente através da organização do romance em si. Ao compor os capítulos de acordo com elementos e exemplos pictóricos, tratar de fazer com que imagens de capítulos diferentes não se misturem, assim como dar cores às capas dos fascículos da primeira edição, fica perceptível que há um trabalho de montagem pensado e que os elementos não estão apenas dispostos como em um jogo automático surrealista, o que aliás era característico de Max Ernst: ele não tinha tanto apreço pelos jogos automáticos, tendo preferido sempre trabalhos pensados.

Outra marca da montagem no todo do romance é a variação de mídias, como se a união entre imagem e texto escrito operasse como dois objetos, também formando um conceito.

Uma Semana de Bondade conta com a palavra escrita para organizar sua estrutura (nomes dos capítulos), para guiar o leitor em sua leitura (elemento, exemplo pictórico) e também para se comunicar com outros textos (epígrafes). Essas intervenções da escrita revelam o trabalho do narrador para dar ao romance uma lógica interna.

Tartaro, T. – O narrador de *Uma Semana de Bondade*

Dissemos acima que cada colagem apresenta, em geral, tanto a expressão de um mundo surreal quanto a violência. Ambos os aspectos são potencializados após o trabalho de ordenação e organização das colagens. Ao vê-las dispostas e subordinadas à coerência proposta pela montagem do romance, o observador tem a chance fazer o embate com o romance. Nesse embate, a leitura permite que se constate a presença da violência no mundo surreal tratado. Perceber a violência no mundo surreal tratado talvez movimente o leitor a perceber a violência que o rodeia e para qual ele esteja anestesiado.

Neste momento, vale lembrar que o livro foi produzido um ano após a ascensão do Partido Nacional Socialista ao poder, que ocorre em janeiro de 1933. O medo de novos conflitos como os da Primeira Guerra crescia na Europa. Pela sua própria experiência de vida, Max Ernst temia pelo pior. Ele havia lutado como soldado no exército alemão durante a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918.

A montagem da estrutura do romance expressa um alerta sobre o caminho violento que a escalada do autoritarismo pode trilhar. A violência de cada uma das imagens, posta na perspectiva de um romance que reproduza o período de uma semana e que no fim apresente imagens fragmentárias e relativamente vazias, como as colagens dos capítulos seis e sete, sugere um processo de destruição através da violência, de forma contrária à do *Gênesis* bíblico. Em outras palavras, da mesma forma que o *Gênesis* narra a criação do mundo em sete dias através do amor divino, *Uma Semana de Bondade* narra um possível fim do mundo através de atos generalizados de violência.

Em suma, o narrador atua, em *Uma Semana de Bondade*, inicialmente produzindo o material de que se vale através da colagem (processo de montagem dentro das artes plásticas), inserindo em cada imagem que produz um pouco da configuração de um mundo surreal e um traço de violência. Depois disso, através da montagem, cria o romance, que organiza as colagens, dá à obra uma coerência interna e permite ao leitor fazer uma leitura da temática da violência, que, posta no mundo surreal do romance, tenha talvez o poder de sensibilizar o leitor para aquilo que, de fato, o rodeia. Assim, Max Ernst, com *Uma Semana de Bondade*, desenhou um grande alerta contra a violência generalizada de sua época.

Referências bibliográficas

EISENSTEIN, Sergei. *A forma do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zaar. 2002.

ERNST, Max. *Une semaine de bonté: a surrealistic novel in collage*. Courrier. 2013.

SPIES, Werner (org.). *Max Ernst: Retrospektive*. München: Prestel-Verlag. 1979.